escolhas

ESPAÇOS onde se fazem as ESCOLHAS no Porto

Padre Vaz Pinto fala ao Escolhas

Lisboa: «Há cursos para mim?»

Setúbal: Arrentela vai ao teatro e recicla Carnaval

nº 8. Bimestral, Março 2003

Acolher, integrar, co a xenofobia e o

Empossado, em Julho último, Alto Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas, o Padre António Vaz Pinto, com uma ligação antiga e variada às questões da imigração e das minorias, fala nesta entrevista ao «Escolhas» do muito que já foi realizado nestes curtos meses pelo ACIME em defesa daqueles que demandam Portugal para obter melhores e mais justas condições de vida.

Na apresentação do Plano de Actividades do ACIME para 2002/2003, destacam-se nas grandes linhas de acção: Plano Nacional para a Imigração, Rede Nacional de Informação ao Imigrante, Observatório da Imigração e o Sistema Nacional de Apoio ao Imigrante. Decorridos quatro meses, quais os resultados já alcançados?

Passados estes curtos meses da minha nomeação e da apresentação do Plano de Actividades para 2002/2003 muita coisa já correu e está a correr.

As audições institucionais de apresentação do Alto Comissariado foram efectuadas em grande número: Presidente da República, membros do Governo, sindicatos, entidades patronais, partidos políticos, membros de governos, instituições não governamentais.

Não foi ainda considerado oportuno, mas espero que o venha a ser dentro de poucos meses, a constituição do Plano Nacional para a Imigração assinado por diversas entidades, directa ou indirectamente ligadas à problemática da imigração. Previsto no próprio Programa do Governo, a parte que nos compete neste Plano Nacional da Imigração está feita e agendados os pontos fundamentais.

Quanto à Rede Nacional de Informação ao Imigrante, entrará em funcionamento, ainda em Março, o serviço SOS Imigrante. Será uma «linha azul» à qual qualquer imigrante pode recorrer, com o preço de uma chamada local, para obter a informação adequada que possa necessitar.

Articulado com este serviço SOS Imigrante, vão ser inaugurados, também em Março, doze CLAI (Centros Locais de Apoio a Imigrante) que irão cobrir a facha atlântica do território nacional. Em seguida, avançaremos para as zonas mais interiores onde a presença de imigrantes o justifique.

Mas vão ser doze Centros onde haja um pequeno posto, equipado com computador, ligação à internet, telefone, mediadorês apetrechados com os seus conhecimentos e folhetos informativos, que sirva de ponto de apoio e informação para a imigração localizada.

Embora desempenhando a mesma função, há dois tipos de CLAI. Os que referi são suportados na íntegra por nós. Mas estamos disponíveis para responder e apoiar os pedidos que começam a surgir de diversas entidades interessadas em ter um CLAI: Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais, Governos Civis, Paróquias, e até de empresas. Nestes casos, os CLAI serão suportados por estas entidades numa lógica de parceria e partilha de custos.

Padre Vaz Pinto: «compete-nos fortalecer o espírito de tolerância»

Reconhecer a qualificação profissional dos imigrantes

Constam também no Plano os CNAI e os CRAI...

A ideia de descentralizar tem-me acompanhado desde o início. Em concordância com esta preocupação, estamos a trabalhar na criação de dois Centros Nacionais de Apoio a Imigrante, em Lisboa e no Porto.

Estes dois CNAI são estruturas com uma dimensão muito maior. Envolvem obras, espaços maiores. Funcionarão na lógica das «Lojas do Cidadão» e vão precisar de espaços adequados para se poder instalar o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Inspecção Geral do Trabalho, Saúde, Educação, fazer a triagem das pessoas que se apresentam.

Já está escolhido o espaço em Lisboa e vamos lançar o concurso para a remodelação da antiga Escola dos Anjos. No Porto há boas perspectivas mas ainda não posso torná-las públicas. Sem optimismos exagerados, penso que os dois CNAI estarão a funcionar neste Verão.

mbater racismo

Em seguida, avançamos para a fase intermédia, que são os Centros Regionais de Apoio ao Imigrante. Vamos abri-los nas capitais de distrito onde haja número significativo de imigrantes que o justifique.
Por outro lado, está também em fase de montagem o Gabinete de Reconhecimento das Qualificações em que estarão presentes representantes dos Ministérios da Segurança Social e do Trabalho, da Educação e igualmente das organizações que trabalhem com imigrantes. A função deste Gabinete é facilitar, encurtar prazos, abrir caminhos no reconhecimento das aptidões profissionais, contribuindo para o bem-estar e para a realização profissional de muitos imigrantes qualificados. Deste modo, muitos imigrantes podem alcançar melhorias significativas no seu desempenho profissional e, assim, reforçar o contributo que prestam ao desenvolvimento da sociedade portuguesa.

Para lá das medidas sociais de fundo que exige, a integração do imigrante passa, forçosamente, pelo reagrupamento familiar. Como intervém o ACIME neste aspecto nuclear e que outras funções poderiam ser atribuídas ao Alto Comissariado para desempenhar um papel mas relevante nesta questão?
O reagrupamento familiar é uma questão de justiça e de direitos humanos.
Não sendo um trabalho sazonal, o que sempre acontecerá, ao imigrante que vem para Portugal ou para qualquer outro país, é preciso garantir um mínimo de tempo de estabilidade que, na nova lei, vai ser de um ano. Aliás, o prazo mais generoso na União Europeia.
É perfeitamente natural, justo e defensável que o imigrante possa chamar para junto de si a sua mulher, o marido, os filhos menores ou os ascendentes em primeiro grau que estejam a seu cargo. Isto parece-nos qualquer coisa de fundamental e humano. Mas tem, igualmente, vantagens anexas muito significativas. Para além dos direitos e do equilíbrio emocional das pessoas, saliento dois outros aspectos:
Primeiro, quem está separado da sua família, tende, sobretudo nos seus tempos livres ou nos fins-de-semana, a ficar isolado. Esta situação proporciona a entrega à saudade, à bebida, a agrupar-se negativamente, a destruir-se, ao aliciamento para actos de vandalismo e de violência. Uma família sólida e bem constituída é uma extraordinária defesa.
Outro aspecto muito significativo é económico. Um imigrante que esteja sozinho envia quase todas as sobras do salário para a terra de origem e para sua família. Se ele estiver acompanhado com a família são recursos que permanecem em Portugal.
Quanto ao envolvimento no reagrupamento familiar não creio que o Alto Comissariado tenha necessidade de mais atribuições neste momento.
O ACIME não pode fazer tudo, nem pode substituir-se aos Ministérios. Tem o seu lugar próprio. Mas pode incentivar, propor medidas, melhorias, apoios, pôr a funcionar muitas coisas que neste país existem mas que estão emperradas, que são lentas.

editorial

Qualificar para ficar

O Programa Escolhas está num momento crucial da sua existência. Depois de um primeiro ano de abordagem da problemática, definição de metodologias, estruturação e formação de equipas, tivemos um segundo ano em que se estabeleceram relações de parceria, envolveram-se os jovens e ganhou-se um capital de credibilidade e conhecimento que não tem paralelo em experiência similar.

Estão, pois, criadas as condições para se avançar para um trabalho mais qualificado, mais reflectido e mais rigoroso tendo em conta os objectivos que se pretendem atingir.

Isso implica que se introduzam planeamento, especificidade e avaliação com maior aprofundamento. Que se passe de diagnósticos territoriais para diagnósticos pessoais, de acções pedagógicas para iniciativas formativas, de envolvimentos em grupo para observações individuais. Que se aborde cada caso como um único e que se definam claramente estratégias de aprofundamento da intervenção em função de uma análise focada no individuo. Que se criem os instrumentos necessários para essa intervenção. Que se racionalize o trabalho face aos meios disponíveis.

Fazer de cada espaço e de cada iniciativa com maior ou menor regularidade, um laboratório social onde seja possível introduzir os elementos que potenciam a mudança. Para que os resultados não se dissolvam em avaliações virtuais e possam evidenciar a persistência e continuidade de um trabalho pensado, organizado e sistemático. Para que o investimento realizado tenha a rentabilidade de qualquer investimento dentro do contexto em que é aplicado.

Só assim valerá a pena ficar.

Eduardo Vilaça
Coordenador do Programa Escolhas

Respeitar o multiculturalismo

A integração na sociedade portuguesa exige também redobrados esforços para proporcionar a aprendizagem aos imigrantes da língua e da cultura portuguesas...

Como é evidente. O facto de se calcular que haja, actualmente, mais de 200 mil imigrantes de Leste com uma língua completamente diferente para eles e para nós implica, de facto, um esforço adicional em sua direcção.

Tão fundamental como a informação para a integração do imigrante, é o conhecimento da língua portuguesa. Sem conhecer a língua do país em que vive, uma pessoa não tem capacidade de integração. Tende a auto-marginalizar-se e a ser marginalizado. O esforço na aprendizagem da língua portuguesa é indispensável para o usufruto dos direitos e deveres dos imigrantes e das minorias.

«Tem de caminhar-se para uma alteração da lei da nacionalidade e da naturalização»

Ao contrário do que antigamente se pensava, hoje, recusa-se o apagamento das culturas, das línguas, das tradições. O multiculturalismo é quase universalmente defendido, mas isso implica que haja o respeito pelas instituições fundamentais do país onde as pessoas escolhem viver. Tudo isso não é possível sem suficiente domínio da língua portuguesa.

As estatísticas recentes da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais revelam um acentuado crescimento de reclusos imigrantes de Leste enquanto o número de prisioneiros de origem africana tem diminuído nos últimos anos. Como interpreta estes dados?

As estatísticas têm de ser ponderadas. Primeiro, porque referem que, actualmente, a Ucrânia é o país com maior número de imigrantes. Isso é verdade e não é.

Muitos dos imigrantes de origem africana de expressão linguística portuguesa têm nacionalidade portuguesa e, portanto, já não são contados nas estatísticas como imigrantes. Por a terem adquirido ou por serem filhos e descendentes, que também a adquiriram.

Embora possamos dizer, no melhor sentido da palavra, que uma pessoa é, culturalmente cabo-verdiano, em termos estatísticos é cidadão português. Segundo, gostava de salientar que a comunicação social faz, por vezes, um tratamento muito parcial e muito pouco objectivo da criminalidade em relação aos imigrantes em geral e agora também aos de Leste.

Uma coisa são as mafias que existem e que têm de ser combatidas com muita dureza pela acção criminosa que exercem à imigração ilegal, exploração dos imigrantes, tráfico de mulheres e crianças. Outra realidade é o delito normal, comum. Desconfio que os níveis de delinquência dos imigrantes sejam superiores aos dos portugueses. Acontece é que com muita facilidade, certamente por descuido, se de um português nada se diz quando assalta uma bomba de gasolina, se for um ucraniano ou um guineense, diz-se e é notícia, causando uma imagem que não corresponde à realidade.

Fortalecer a tolerância

Tal como em muitos países europeus, têm surgido em Portugal, nos últimos anos, manifestações xenófobas e racistas. Que medidas sugere na articulação de políticas mais eficazes para combater estas atitudes?

O fenómeno do racismo e da xenofobia, lamentavelmente, existe em todas as sociedades. Não é triste privilégio de Portugal.

O Observatório da Imigração — um projecto do Plano de Actividades em funcionamento — já publicou quatro estudos. Um destes debruça-se, basicamente, em saber como os portugueses vêem os imigrantes e as minorias e como os imigrantes e as minorias vêem os portugueses.

É muito consolador ler os resultados desse inquérito. Verificamos neste estudo que a larga maioria dos portugueses não tem uma atitude xenófoba e racista. É muito importante isto ser sublinhado. Haverá sempre um minoria xenófoba e racista, mas algo é necessário fazer contra estas atitudes.

Dentro de dias, o Alto Comissariado vai realizar a primeira reunião da Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial. As queixas que têm chegado ao ACIME são analisadas, enviadas para os intervenientes, terminando, muitas vezes num processo judicial. Portanto, há um combate, ponto por ponto, situação por situação, cada vez que nos é denunciado um problema destes.

Mas temos outras iniciativas para levar a cabo. Recorrendo aos meios de comunicação social, vamos chamar a atenção para os lados positivos da imigração e dos imigrantes. Divulgando casos de sucesso de imigrantes e membros das minorias étnicas ou através do prémio que criámos, o Jornalismo pela Tolerância.

Fazer cair as barreiras do racismo e da xenofobia, fortalecer o espírito de tolerância. É isso que nos compete.

Se há excesso de imigração que não pode ser toda integrada ao mesmo tempo, se, como é o caso, nos encaminhamos para uma situação económica, social e profissional complicada, é fácil que sejam explorados maus sentimentos que desencadeiem processos muito negativos.

Há, por outro lado, alguns problemas «crónicos» e que não são de agora. Refiro, por exemplo, o problema da integração dos ciganos e, dentro dos ciganos, os ciganos romenos. Um sub-grupo dentro da etnia cigana que traz problemas complicados. As informações vindas de várias origens, mas merecedoras de crédito, é que, nalguns casos, estamos perante graves situações de exploração, até dos próprios filhos.

Em ligação com a Obra Pastoral da Imigração dos Ciganos, a Polícia Municipal de Lisboa e outras organizações, o Alto Comissariado está a criar uma rede de apoio para que, no sítio onde esta integração constitua problema, se possa trabalhar para uma melhoria e um conhecimento mútuo mais positivo.

Nova Lei da Imigração

Que resposta dar aos cerca de cem mil imigrantes entrados em Portugal já depois de encerrado o último processo de legalização em 30 de Novembro de 2001? A sociedade portuguesa tem capacidades de os integrar numa fase de crescimento acentuado do desemprego que, aliás, atinge também os próprios imigrantes de forma expressiva?

Acho exagerado esse número de cem mil que por vezes é avançado. As estimativas que nos merecem mais crédito apontam para 30, 40 mil.

No conjunto destes imigrantes encontramos situações diversas. Alguns não estão legalizados mas poderiam ter sido porque cumpriam as suas obrigações, tinham contrato de trabalho. Preenchiam todo um conjunto de requisitos, mas muito por deficiência da nossa administração não viram reconhecidos os seus direitos.

Há ainda a situação de muitas pessoas que gostariam de regressar. Daí que estejamos a apoiar a Organização Internacional das Migrações com vista a criar e incentivar um modelo de regresso voluntário aos países de origem. O que tem acontecido com muitos deles.

Julgo que se tem de caminhar, caso a caso, com soluções administrativas para ver os resultados possíveis de alcançar. Para que não seja uma mera medida de força e violência e para que essas pessoas que não são criminosas sejam tratadas com humanidade e se encontre para cada uma delas uma situação razoável.

No actual regime legislativo, os filhos de imigrantes nascidos em Portugal adquirem a nacionalidade portuguesa se estiveram casados com nacional português há mais de três anos ou por naturalização. Neste último caso, a lei obriga que residam em Portugal há seis anos, no caso de cidadão de país de língua oficial portuguesa, ou há dez anos, nos restantes casos. Não considera esta legislação um factor de exclusão social que obstaculiza a integração dos jovens filhos de imigrantes?

Sim, considero. A nova lei que vai agora entrar em vigor tem alguns benefícios. Suponho que a realidade vai obrigar a melhorá-la, mas depende, sobretudo, da aplicação administrativa e da regulamentação que venha a ser feita. Estou ainda a esperar para ver. Mas a minha orientação é claramente de facilitar, quanto possível, a integração sem, por outro lado, dar o sinal de que todo e qualquer pessoa que chegue a Portugal automaticamente arranje emprego e consiga assim a sua autorização de residência. Creio que seria um «El Dourado» para o qual não se pode apontar.

Parcerias com Programa Escolhas em perspectiva

Que parcerias se podem estabelecer entre o ACIME e o Programa Escolhas?

Julgo que o Programa Escolhas é do maior interesse.

Entre muitas coisas que me preocupam, uma diz respeito ao problema das segundas e terceiras gerações. Daqueles que chegaram e não estão bem integrados na sociedade portuguesa, mas também não estão bem integrados nas sociedades de que eles ou os seus pais provêem.

Há aqui um problema de identidade muito complicado. Talvez não seja para já, mas tem de caminhar-se para uma alteração da própria lei da nacionalidade e da naturalização.

Enquanto uma pessoa não sabe o que é, não pode estar bem dentro da sua pele e na situação social correcta. Daqui decorre o problema da marginalização e dos guetos. A marginalização gera marginalização e auto-marginalização.

Nos 53 bairros considerados de maior risco onde o Programa Escolhas intervém, a esmagadora maioria das pessoas que os habitam são muito mais vítimas do que «criminosas». São pessoas que foram colocadas à margem da sociedade. Têm muito pouco acesso aos bens económicos, sociais ou culturais, não se sentem identificados nem com a cultura de origem, nem com a cultura de acolhimento.

Daí que precisem e mereçam atenção muito especial e redobrada. Isso não cabe apenas ao Alto Comissariado. Cabe a todo o Estado português.

Aqui vejo e prevejo a possibilidade de parcerias muitíssimo interessantes para se atacar de frente este problema e criarmos pontes, mediadores, acções conjuntas, que permitam a recuperação para a sua condição de cidadãos de tantas pessoas que apenas esperam uma mão amiga para poder escolher.

Mas tem em mente algum tipo de colaboração precisa com o Programa Escolhas?

Tenho, mas por enquanto nada ainda definido. Com tantas solicitações que recebemos, para uma equipa tão pequena, temos de optar por prioridades.

É preciso não esquecer que estamos a falar de cerca de 500 mil imigrantes, 5% da população nacional e 10% da população activa, espalhados pelo país inteiro, com problemas extremamente complexos. E a maior parte em situações vulneráveis. Não se pode fazer tudo de uma vez.

Certamente que é esse o horizonte de parcerias e laços que irei propor às autoridades locais, às autoridades centrais do Estado para que se possam encontrar soluções absolutamente urgentes e necessárias.

De uma família originária de Arouca, António Vaz Pinto nasce em Lisboa em 1942. Faz o ensino secundário no Colégio S. João de Brito e estuda, até ao quarto ano, Direito na Universidade Clássica de Lisboa. Em 1965, entra no Noviciado da Companhia de Jesus em Soutelo. Em 1970, licencia-se em Filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa Braga. Em 1974, recebe a ordenação sacerdotal, e, no ano seguinte, licencia-se em Teologia em Frankfurt, na Alemanha, após cinco anos de estudos.

Entre os diversos cargos e funções que exerceu, foi director do Centro Universitário Manuel da Nóbrega (Coimbra, 1984-97); capelão da Universidade de Coimbra (1979-84); director do Centro Universitário Padre António Vieira (Lisboa, 1984-97); assistente da Rádio Renascença (1984-97); fundador e assistente nacional da ONGD «Leigos para Desenvolvimento»; fundador e membro da Direcção do «Banco Alimentar Contra a Fome» (1992); reitor da Comunidade Pedro Arrupe (formação de jovens Jesuítas), Braga (1997); professor da Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica; superior da Residência do Porto da Companhia de Jesus e reitor da Basílica do Sagrado Coração da Póvoa de Varzim (2001).

A ligação do Padre António à problemática da imigração vem de longe. Durante os cinco anos da licenciatura de Teologia trabalha com a comunidade portuguesa imigrada na Alemanha. Na década de oitenta, colabora com os partidos representados na Assembleia da República nas alterações da então vigente Lei da Imigração. Em Lisboa, funda e dirige o Centro Escolar de Apoio S. Pedro Claver destinado à formação de imigrantes oriundos dos PALOP e, no ano passado, promove a fundação, no Porto — onde reside — do Centro Comunitário S. Cirilo para ajudar os imigrantes provenientes do Leste europeu.

Espaços que o Escolhas abriu

O início do trabalho de terreno do Programa Escolhas nos vários territórios do distrito do Porto pautou-se, na sua grande maioria, pela realização de várias acções de trabalho de rua. Estas acções tiveram como objectivos obter um conhecimento dos jovens dos bairros e das suas práticas quotidianas, estabelecer com eles um contacto regular e promover actividades que fossem ao encontro dos seus gostos e interesses. Este trabalho realizado com os jovens na rua teve um grande êxito, na medida em que todos os seus objectivos foram cumpridos, mas, ao fim de um determinado período, acabou por se esgotar nos próprios fins a que se propunha.

Tendo já um conhecimento bastante profundo dos jovens, sentiu-se, então, a necessidade de dar um salto para um trabalho mais estruturado com os jovens, com regras específicas, horários estabelecidos, grupos de jovens bem definidos. Passar de um trabalho de conhecimento/aproximação aos jovens para um trabalho de desenvolvimento de competências pessoais e sociais e de mudanças comportamentais nos jovens.

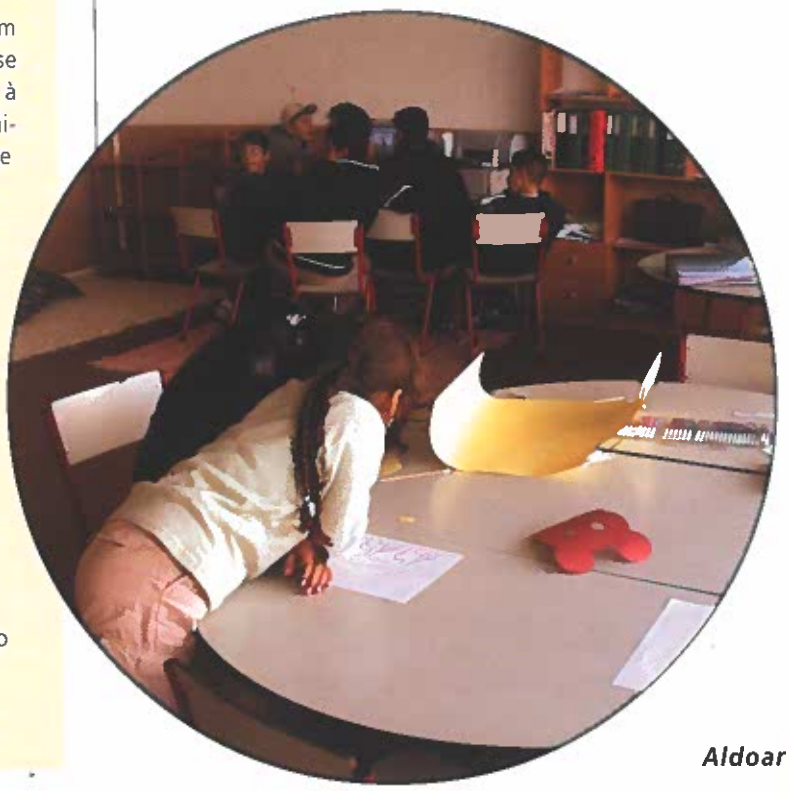
Mas para se passar de um trabalho na rua para um trabalho com este tipo de estruturação, tornava-se necessário ter espaços nos bairros alternativos à rua, espaços que fossem a base do trabalho técnico desenvolvido com os jovens. Espaços onde se pudessem desenvolver acções de carácter lúdico-pedagógico, mas, também, um acompanhamento psicossocial mais individualizado dos jovens. Espaços que fossem o local de realização de actividades, mas, que fossem, também, o local de planeamento e preparação de acções realizadas dentro e no exterior dos bairros.

Assim, a concretização/abertura destes espaços nos bairros foi possível graças ao trabalho de articulação entre o Programa Escolhas e as várias instituições que, dentro de cada um destes bairros, se preocupam diariamente em realizar com os jovens acções que os levam a mudar a sua atitude de vida perante o difícil desafio que é viver num bairro social.

Aleixo

Aldoar

O espaço do bairro de Aldoar, np Porto, foi concebido através de uma parceria entre o Programa Escolhas e a Associação Interinstitucional para o Desenvolvimento de Aldoar – AIDA. Neste espaço passam diariamente vários grupos de jovens com idades distintas, cada um deles com um horário e actividades específicas. As acções em Aldoar passam pela dinamização do ateliê de grafitis, máscaras, jornal, etc. Mas além destas actividades mais lúdico-pedagógicas, a equipa técnica desenvolve outras actividades mais formativas como o apoio escolar, o ateliê de informática ou o apoio na inserção profissional/formativa dos jovens do bairro. O espaço de Aldoar está aberto todos os dias das 14h00 às 19h30.



Aldoar

Balteiro

Aleixo

No Aleixo, no Porto, a parceria entre o Programa Escolhas e a Agência de Desenvolvimento Integrado de Lordelo do Ouro-ADILO, permitiu aos jovens do bairro a utilização de vários espaços do PIBA (Projecto Integrado do Bairro do Aleixo, projecto afecto à ADILO), especialmente a salinha do mini-ginásio, situada no Bloco 3 do bairro. Esta salinha foi renovada pelos jovens com o objectivo de terem um espaço diário onde se pudessem encontrar com a equipa técnica. A renovação da salinha passou pela sua limpeza e pintura, construção de sofás, instalação de uma televisão e vídeo, etc.
Mas além da salinha, os jovens utilizam outros espaços do PIBA, onde desenvolvem diversas actividades formativas e lúdico-pedagógicas regulares e pontuais, como o atelier de culinária, a pintura de *t-shirts*, o apoio escolar, as dinâmicas de grupo, as sessões de visionamento de filmes e debate, etc. A utilização dos espaços funciona diariamente, mas varia consoante a especificidade das acções a desenvolver.

Balteiro

A criação do espaço do bairro do Balteiro, em Vila Nova de Gaia, foi possível devido a uma parceria estabelecida entre o Programa Escolhas e a Gaia Social. Como é um dos espaços mais recentes do distrito, ainda não tem nome, isto porque os jovens do bairro junto com a equipa técnica, ainda estão na fase de selecção de vários nomes possíveis para o espaço. No entanto, já foram realizadas diversas actividades com os jovens dentro do espaço, sendo de destacar o ateliê de máscaras para os jovens usarem na festa de Carnaval.
Enquanto ficamos à espera do nome, para saberem mais informações sobre este espaço e sobre as actividades que aqui se desenvolvem, podem consultar a página da Internet do Programa Escolhas. O espaço situa-se no bairro do Balteiro, no Bloco 9, entrada 3, rés-do-chão direito, e está aberto todos os dias das 13h00 às 20h30 horas.

Ramalde

No Ramalde, no Porto, os jovens frequentam o espaço RAIZ, que foi criado através de uma parceria entre o Programa Escolhas, o Centro Social, Desportivo e Cultural das Campinas e o Colégio de Nossa Senhora do Rosário. É neste espaço que os jovens realizam as suas actividades, sempre apoiados pela equipa técnica. Neste espaço desenvolvem-se

Ramalde

Regado

actividades variadas que vão desde a dinamização de ateliês de expressão plástica até à realização do jornal «A Voz de Ramalde», onde são noticiadas todas as actividades desenvolvidas com os jovens no espaço RAIZ e no bairro, e que vai editar agora em Março o seu segundo número. Também são realizadas diversas actividades formativas como o apoio escolar, o ateliê de Informática, o atelier de Fotografia ou as Dinâmicas de grupo. O espaço RAIZ funciona diariamente das 14h00 às 20h00 horas no bairro de Ramalde.

Trás da Serra

Regado

No bairro do Regado, no Porto, é dinamizado o espaço ELFO, implementado neste bairro através de uma parceria entre o Programa Escolhas e a Paróquia de Nossa Senhora do Amial. O espaço ELFO pretende ser um local de apoio e desenvolvimento das competências sociais dos jovens deste bairro, dinamizando para este efeito diversas acções como o ateliê de azulejaria, o apoio à leitura através da criação da minibiblioteca, o ateliê de manualidades, onde foram construídos, por exemplo, os *puffs* que servem de bancos aos jovens e à equipa técnica.
São dinamizadas, também, diversas actividades lúdico-pedagógicas e desportivas, como a natação e o futebol. O espaço ELFO está aberto todos os dias das 13h30 às 19h00.

Trás da Serra

No bairro de Trás da Serra, em Gondomar, foi instalada no início de 2003 uma casa pré-fabricada onde funciona o Centro Jovem de Trás da Serra. A instalação deste pré-fabricado no bairro foi possível graças à parceria estabelecida entre o Programa Escolhas, a Câmara Municipal de Gondomar e a Escola E.B. 2,3 de Jovim.
A inauguração oficial do Centro foi a 5 de Março, mas já funciona desde Janeiro com diversas actividades lúdicas, como o campeonato de ping-pong, o ateliê de expressões plásticas, etc., mas, também, com diversas actividades formativas, sendo de destacar o jornal «Trás da Serra em Foco». Este jornal bimensal é feito pelos jovens com a equipa técnica do bairro e tem como objectivo noticiar as várias actividades realizadas pelo Centro Jovem. Além do jornal, são dinamizados vários ateliês formativos, como a informática, o apoio escolar, a leitura na biblioteca, etc. O Centro Jovem está aberto diariamente das 14h00 às 19h00.

Vila D'Este desenvolve PIEF

Está a ser desenvolvido na Urbanização de Vila D'Este um PIEF (Plano Integrado de Educação e Formação) com o objectivo de dar equivalências ao 6º ano de escolaridade a um grupo de 16 jovens deste bairro com idades entre os 14 e os 18 anos, em situação de risco de abandono escolar. Este PIEF está a ser implementado em parceria entre o Programa Escolhas, o PEETI, a Cooperativa SSTCMS de Gaia e a Escola E.B. 2,3 de Vila D'Este. O PIEF começou em Novembro de 2002 e tem a duração de 13 meses, terminando em Novembro de 2003.

escolhas
em Lisboa

«Construir» envolve cerca de 200 jovens de Mira Sintra

Escolhas nas Escolas de Mira Sintra

Desde Novembro de 2002, o Programa Escolhas, em parceria com a APDJ- Associação para a Promoção do Desenvolvimento Juvenil e as escolas de Mira Sintra (EB1 n.º1, EB1 n.º2 e EB 2,3 D. Domingos Jardo), desenvolve um conjunto de actividades em meio escolar, visando a prevenção da delinquência e toxicodependência e a diminuição do absentismo e abandono escolar dentro das escolas do bairro.

Estas actividades foram pensadas consoante as necessidades que o próprio bairro apresentava. Por isso, resolveu-se apostar na classe etária entre os 8 e os 16 anos, por ser esta onde se verificavam mais casos prioritários e também por ser uma faixa etária onde é importante apostar no âmbito da prevenção.

Assim, lançou-se mãos à obra e nasceu nas escolas o projecto «Construir», constituído por cinco actividades: «Gabinete de apoio psicológico», que acompanha e encaminha jovens sinalizados pelos professores; «Acções de sensibilização» a jovens (espaço aberto a todos os jovens da escola); «Grupo de apoio aos pais», espaço onde os pais podem colocar as suas dúvidas e trocar experiências do relacionamento e educação dos seus filhos; «Escalada», um ATL destinado a crianças da EB1 nº1 de Mira Sintra que não têm condições familiares e económicas para ter um acompanhamento nas suas horas livres; e «Onda com a escola» que pretende fazer uma ponte de ligação entre a EB 2,3 D. Domingos Jardo e as crianças que frequentam o 4º ano de escolaridade das EB1 n.º 1 e n.º2 de Mira Sintra. Uma vez por mês, estas crianças têm uma visita segundo um tema específico, organizada de modo a conhecerem as regras e o espaço da escola que irão frequentar no próximo ano lectivo.

O projecto «Construir» tem sido bem aceite por todos. Neste momento abrange cerca de 200 jovens do bairro de Mira Sintra que até então não tinham qualquer tipo de apoio.

Alto da Cova da Moura
Admirável Mundo Informático

Sem fim previsto, decorre na Cova da Moura um ateliê de música por computador. O *software* musical que permite guardar em memória uma grande quantidade e variedade de ritmos e sons, não exige formação básica na área da música. Só é preciso gostar de música, ter algum ouvido, sentido de harmonia e vontade de experimentar «compor» uma ou mais «peças musicais». Deste modo, cerca de dez jovens do bairro registam e gravam os seus *beats* e *loops*, muito ao ritmo Hip Hop, do Kuduro e outros sons da cultura afro. Está previsto os jovens gravarem voz em algumas das suas músicas.

É capoeira, ó gênti!

O prof. Brugão é o mestre de capoeira que todas as terças e quintas, na Associação, Clube Desportivo do Alto da Cova da Moura, treina cerca de sete jovens do bairro na arte marcial dos escravos brasileiros. Hoje, é uma área de desenvolvimento de competências psicossociais, artísticas e culturais. Está previsto os jovens construírem os instrumentos musicais de capoeira num ateliê a ser desenvolvido pelo professor.

Alto da Cova da Moura e Estradas Militares
Apoio Escolar

O Programa Escolhas desenvolve apoio escolar na Cova da Moura e Estradas Militares. No primeiro bairro, estando inscritos 17 jovens, o apoio é assegurado pela equipa do Escolhas; no segundo, com 22 jovens inscritos, o apoio é assegurado pela Equipa d'África, um grupo de voluntários que a equipa do Escolhas supervisiona. Todas as semanas, às quintas, os jovens dos dois bairros recebem apoio escolar na EB 2 Prof. Pedro D'Orey da Cunha, com a participação dos voluntários da Equipa d'África, explorando-se, assim, formas de articulação e relacionamento com a comunidade educativa e modos de integração dos jovens no espaço-escola.

Estradas Militares
Em parceria...fica tudo mais fácil!

O Programa Escolhas dinamiza no bairro 6 de Maio um espaço *com* e *para* os jovens e a comunidade do território das Estradas Militares. Nele procura fortalecer-se as redes sociais e parcerias. Assim, iniciámos o processo de implementar naquele Espaço um Gabinete de Atendimento e, para o efeito, convidámos vários parceiros a participar neste processo, com vista ao seu contributo para a implementação de estratégias de desenvolvimento

Visita à AutoEuropa dos jovens de Navegadores

das várias competências (sociais, pedagógicas, educativas, formativas e lúdicas) dos jovens; a diversificarem a intervenção junto dos jovens e suas famílias; e a intensificarem o trabalho de parceria e da rede social alargada junto da comunidade.

A equipa do Escolhas no terreno já articula este processo com a Câmara Municipal da Amadora (Habitação) e com o Centro de Saúde da Venda Nova (saúde materna e infantil; planeamento familiar). Aguardam-se respostas da Embaixada de Cabo Verde, do Instituto de Reinserção Social e da Segurança Social (atendimentos no Gabinete; sessões de esclarecimento).

A Escola das Profissões providenciará informações actualizadas sobre cursos técnico-profissionais e a Polícia de Segurança Pública disponibilizou-se a policiar actividades, a prestar aconselhamento à comunidade através de dois agentes que se encontram diariamente no bairro e, assim, favorecer e melhorar a relação com os jovens e a comunidade.

Bairro dos Navegadores «Quero um curso! Há cursos para mim?»

Estas são frases muito ouvidas pela Equipa de Rua do Bairro dos Navegadores e que foram fundamentais para a definição do trabalho a desenvolver neste território.

Tendo em conta o elevado número de indivíduos que não estão na escola ou a trabalhar e o desejo de parte desta população em frequentar um curso de Formação Profissional, a Equipa do Bairro lançou o «Clube de Emprego», destinado a apoiar os jovens no acesso a cursos de formação profissional e estimular a sua iniciativa em relação à procura activa de emprego. Neste contexto, têm-se desenvolvido as seguintes actividades: acções de divulgação sobre ofertas na área dos cursos de formação profissional; apoio à inscrição dos jovens nos Centros de Formação Profissional e Centro de Emprego; apoio na elaboração de currículos, resposta a anúncios e simulação de entrevistas de emprego.

Associadas ao «Clube de Emprego», foram também desenvolvidas, pela Equipa de Rua, visitas de estudo a Centros de Formação Profissional (Centro de Formação Profissional de Reparação Automóvel) e a contextos reais de trabalho (AutoEuropa, Escola de Tropas Aerotransportadas), nas quais os participantes puderam explorar o seu conhecimento sobre as profissões.

Com este projecto, denominado «Viagens ao meu futuro», procura-se também motivar os jovens para a frequência de cursos de formação profissional e levá-los a reflectir sobre a importância da profissão na sua vida futura.

Nos contactos estabelecidos pela equipa junto da população-alvo, verificou-se que muitos dos jovens do bairro não tinham os seus documentos em dia, ficando assim afastados da frequência de um curso ou de encontrarem um emprego com contrato. Levantou-se assim a necessidade de criar um outro projecto — «Programa Fase Zero» — para apoiar os jovens na renovação, actualização ou aquisição dos seus documentos junto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, embaixadas, etc., através de acções de informação e apoio directo na regularização dos documentos. Este apoio mostra-se fundamental, uma vez que os jovens só poderão estar inscritos no Centro de Emprego, ou Curso de Formação Profissional ou apelar aos seus direitos, enquanto cidadãos, se tiverem a situação regularizada.

escolhas em Setúbal

A nova sala da Equipa da Bela Vista

No dia 11 de Fevereiro, a Equipa da Bela Vista andou, uma vez mais, com a «casa às costas» transportando pelo bairro, mesas, cadeiras, armários. Felizmente, alguns jovens vieram dar-nos uma mãozinha e a mudança fez-se rapidamente.

Estamos, pois, instalados numa sala cedida pelo Centro Jovem Tabor e, desde o dia da mudança, já foi visitada por diversos jovens que, curiosos, vieram ao nosso encontro.

Amarelo: Carnaval do Espaço Jovem

A 28 de Fevereiro, quem assistiu ao desfile de Carnaval em Almada, não pôde deixar de notar a presença do Bairro Amarelo. O P.I.A. II e o Escolhas recriaram a fantasia «Alice na País das Maravilhas». Vestimos as nossas crianças e jovens de baralhos de cartas, coelhinhos, cozinheira, Alice... e a inevitável presença do carro alegórico. Foram quatro horas de desfile ao som de muita música, dança, animação, boa disposição, cor e muita gente a assistir. Uma combinação perfeita para sucesso do Espaço Jovem do Bairro Amarelo, uma parceria do Programa Escolhas com a Santa Casa da Misericórdia de Almada, que teve como «trunfo» todos os ases que nele se empenharam e participaram.

Jogo amigável entre Quinta da Princesa e Vale Figueira

A equipa de Vale Figueira visitou, a 25 e Janeiro último, a convite do tutor de bairro Fernando (Fanas para os amigos), a equipa da Quinta da Princesa, de forma a retribuir a visita anterior.

Desta vez, e atendendo aos 11-2 da primeira volta, os «Figueirenses» vieram munidos de um treinador que também fez papel de árbitro (santos da casa fazem, nestas situações, milagres). No entanto, a vitória acabou por sorrir aos «Quintenses».

Golos não faltam nos derbys Figueirenses-Quintenses

No primeiro jogo de juvenis a vitória saldou-se num 5-2, sendo que no jogo de seniores perdemos a conta. Afinal de contas o mais importante foi mesmo o convívio. Na forja, e a pedido de muitos dos participantes, está um torneio interbairros.
Para a realização da actividade não podemos deixar de agradecer ao Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo da Quinta da Princesa pela cedência do ringue e de alguns materiais.

Assim, sim. Vale de Chícharos a brilhar!

A iniciativa partiu dos mediadores Kisso e Palu e dos bolseiros do bairro de Vale de Chícharos.
Num destes domingos, às oito da manhã lá estavam eles devidamente equipados com vassouras, luvas, máscaras e sacos do lixo e... mãos à obra! Para compensar o esforço dos mais de 80 participantes, entre jovens e adultos, nada como olhar para o antes e depois e dizer... «Ufff! valeu a pena.».
Para a concretização desta actividade não podemos deixar de agradecer o apoio da Adime, da Criar-t e da Câmara Municipal do Seixal.

Oitenta entusiastas deram «outra cara» a Vale de Chícharos

Crianças da Arrentela vão ao teatro e fazem Carnaval reciclado

Foi com enorme satisfação que, a 18 de Fevereiro último, as crianças da Arrentela (Seixal) que compõem o grupo da manhã do projecto de Actividades Extra-Curriculares-AEC, uma parceria entre o Programa Escolhas, a EB1 n.º2 de Arrentela e o Centro Comunitário Várias Culturas Uma Só Vida, puderam assistir à peça «Uma Espinha na Garganta», no Casino da Trafaria.
O projecto envolve 47 crianças, dos 6 aos 12 anos, e é dinamizado diariamente pela equipa de projecto constituída pela psicóloga Maria das Dores Ramos e pela animadora Sandra, cedida a tempo inteiro pelo Centro Comunitário.

Crianças do AEC da Arrentela viram teatro e desfilaram «reciclados»

Dez dias depois, a 28 de Fevereiro, o mesmo grupo de crianças do AEC, participaram de forma muito entusiasta, no desfile de Carnaval anualmente organizado pela Junta de Freguesia.
Com um grande auxílio dos professores Phillip e Ana do projecto «Danças do Mundo» (um projecto transversal aos três bairros do concelho do Seixal), construíram todos os adereços com materiais reciclados e muita criatividade.
As cores do arco-íris simbolizam o projecto da Escola EB1 n.º2 de Arrentela, uma escola multicultural, e a alegria estampada nos rostos simboliza a alegria contagiante de todos os que desfilaram neste dia. A acompanhar o grupo estiveram, para além dos professores de dança, os auxiliares e professores da EB1, os mediadores e bolseiros do Escolhas, bem como vários associados da Associação Cultural Khapaz e encarregados de educação.

últimas

«Pais Adolescentes»

O Programa Escolhas, vai lançar uma campanha intitulada «Pais Adolescentes» destinada a sensibilizar os jovens para a problemática de se ser Pai ou Mãe na adolescência.
A campanha será lançada com um cartaz e tem como suporte um folheto e um jogo onde se abordam as questões e os alertas sobre a mútua responsabilidade dos jovens quando têm uma criança.
Participa nas iniciativas do teu bairro.

Vem aí o CD «ESCOLHAS»

Um grupo de jovens, dos três distritos, gravou um CD com a música «ESCOLHAS», de que foram autores alguns dos mediadores do último curso (letra) e o técnico Manuel Oliveira (música)
Este CD terá ainda diversas músicas interpretadas por grupos dos vários bairros.
Deverá sair no próximo mês. Espera para ver!...

Parceria com o Secretariado Entreculturas

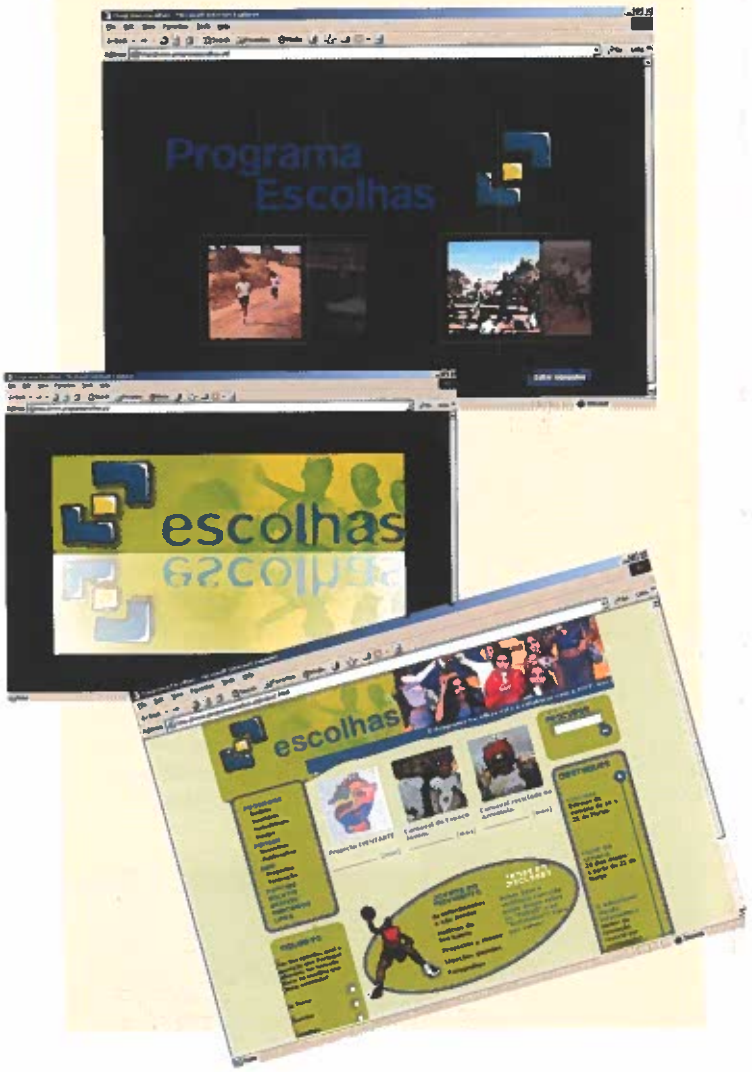
Celebrou-se um protocolo de parceria com o Secretariado Entreculturas, tendo em vista um Estudo Exploratório de Caracterização da Acção Desenvolvida pelo Mediador na Escola, destinado a identificar algumas variáveis que influenciam a acção do Mediador dentro e fora do espaço escolar.

Reflexão sobre o Programa Escolhas em documento

Encontra-se em fase final a elaboração de um documento, destinado a ser entregue às respectivas tutelas, tendo em vista a continuação do Programa Escolhas.
O documento começa por fazer o enquadramento do Programa Escolhas na realidade nacional, historia o que tem sido a actividade do Programa nos últimos dois anos e termina com a apresentação de varios cenários futuros sublinhando os constrangimentos e virtudes de cada um.

A nossa página com «nova roupagem»

Procedeu-se à remodelação da nossa página na Internet, dando-lhe uma nova dinâmica e tornando-a mais atraente e funcional.
Convidamos todos os jovens a participar nos debates e votar nos inquéritos que promovemos.
Basta clicar em *www.programaescolhas.pt*
Brevemente haverá novas surpresas na página!



escolhas
Publicação bimestral
Distribuição gratuita
Director: Eduardo Vilaça
Nº 8 – Março 2003

Propriedade:
Programa Escolhas
Campo Grande, 5
1700-087 Lisboa
Tel.: 217 802 150
Fax: 217 802 169
www.programaescolhas.pt
escolhas@programaescolhas.pt

Redacção e Produção:
Matéria Escrita
- Consultores de Comunicação
Rua Cidade de Bolama
- Lote 17, 4º A
1800-077 Lisboa
Tel.: 218 540 590
Fax: 218 540 599
materia.escrita@mail.telepac.pt
materia.escrita@netcabo.pt

Design:
João Cazenave
Rua D. Carlos I, 4 - 1º esq.
2675-316 Odivelas
Tel.: 219 345 131
Fax: 219 345 161
joao.cazenave@mail.telepac.pt

Impressão:
Fernandes e Terceiro
R. Nossa Senhora da Conceição, 7
2795-603 Carnaxide

Tiragem: 3.500 exemplares
Depósito Legal:
Nº 173540/01